



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Casas de prostituição e o circuito sexual das prostitutas de luxo no Nordeste.

Fernanda Maria Vieira Ribeiro

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

fernanda_ueva@hotmail.com

A prostituição, como “profissão mais antiga do mundo”, tende a se renovar ou se adaptar às configurações sociais nas quais está inserida. A compressão espaço-tempo, a flexibilidade dos processos de trabalho, nos mercados, nos produtos e padrões de consumo, envolvendo rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, refletem as novas configurações sociais ligadas à globalização e ao capitalismo contemporâneo, onde relações sociais, sexuais ou afetivas não encontram fronteiras (HARVEY, 2007).

Tais configurações sociais possibilitaram o surgimento de tipos específicos de prostituição, visando o atendimento a uma determinada classe social ou perfil de cliente, e novas formas de acesso e oferecimento de serviços pelo mercado do sexo. Ressalta-se que o mercado do sexo não se resume a prostituição, nele podemos encontrar os mais diversificados trabalhos sexuais, dentre eles, os desempenhados em bordéis, boates, bares, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornô, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sado-masochismo, prostituição na rua (PISCITELLI, 2005).

A prostituição de luxo não se define simplesmente pelo preço dos programas sexuais, que variam entre R\$ 150,00 a R\$ 400,00 por hora, mas por uma rede de serviços vinculada a esse tipo de prostituição, tais como a divulgação das garotas através de “sites de acompanhantes”; casas especializadas para atender clientes das classes média-alta e alta; formas de organização (rede de prostituição no Nordeste); além de exigências a estética corporal, a discricção necessária e muitas vezes a



necessidade de conhecimentos de etiqueta para serem acompanhantes em viagens e eventos sociais.

Sites de acompanhantes como o “coelhinhos do brasil” e o “garota nacional”¹ veiculam *books* (fotos) das garotas semi-nuas ou completamente despidas, contendo informações sobre o valor do cachê, o telefone para contato, características físicas, como peso, altura, idade, tamanho dos quadris e dos pés; preferências da garota sobre locais para atendimento e tipo de cliente (homens ou homens e casal); tipo de sexo aceito (“completa” ou “oral”); disponibilidade para viagem ou festas e os outros idiomas que fala. Essa rede virtual é a forma de divulgação das garotas de programa, que pagam uma mensalidade - que varia de R\$ 150,00 a R\$300,00 - para os administradores dos sites manterem suas fotos a disposição. Nos sites, os *books* estão divididos a partir das capitais brasileiras onde se encontram as garotas, atendendo o mercado sexual do país e também o turismo do sexo.

No seu estudo sobre turismo sexual, Adriana Piscitelli identifica a inserção do Nordeste do Brasil no circuito do turismo sexual a partir das décadas de 1980, 1990 e 2000, tornando-se um roteiro almejado por turistas sexuais pela disponibilidade de garotas e práticas sexuais aceitas (PISCITELLI, 2005).

Reconfigurações da *geografia do prazer* – espaços e locais das práticas prostituintes – ocorrem com as novas faces da *economia do desejo*. “O processo de modernização, de crescimento econômico, de explosão demográfica e de desterritorialização das subjetividades impulsiona o alargamento dos territórios do desejo” (RAGO, 1991). O *Club do Whisky*, localizada no bairro Dionísio Torres, em Fortaleza/CE, é um exemplo das várias casas especializadas em prostituição de luxo espalhadas por todo o Nordeste, onde as garotas fazem *strip-tease* para os clientes em *salas-VIP* e utilizam os quartos e o bar destas casas. Espaços como esses surgem para atender clientes específicos, pertencentes à classe média-alta e alta, em sua maioria, empresários ou políticos.

Contextualizando a discussão

¹ www.coelhinhosdobrasil.com.br; www.garotanacional.com



O fenômeno da prostituição data da organização social e cultural das primeiras civilizações humanas, existindo uma *prostituição sagrada* dedicada à deusa Inanna (suméria) ou Ishtar (acadiana) na Babilônia, civilização surgida por volta de 1950a.C., onde as mulheres podiam conseguir dinheiro através da venda de seus corpos, oferecendo o dinheiro recebido à deusa, sacralizando-o; nos textos clássicos *Econômica* de Xenofonte, a *República* ou as *Leis* de Platão, a *Política*, a *Ética a Nicômaco*, a *Econômica* do Pseudo-Aristóteles, encontra-se referências a atividade da prostituição na Grécia Antiga, sobretudo negativizando-a (CATONNÉ, 2001; FOUCAULT, 1997). A prostituição pode ser definida como o comércio habitual do próprio corpo, para satisfação sexual de terceiros.

A sexualidade é esquadrihada através de discursos científicos ou de senso-comum, com vistas a produzir verdades e construir poderes, muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo para alguma região obscura e inacessível, mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer (FOUCAULT, 1988).

O sexo e a sexualidade devem ser tratados como um terreno de disputas, não como um campo fixo de posições de gênero e poder. Não podemos deixar de reconhecer a ordem sexista da nossa sociedade, mas perceber que as relações entre os sexos ocorrem tanto no sentido de reforçar o poder masculino, como também de desestabilizá-lo. O sexo deve ser visto como uma tática cultural (PISCITELLI, 2005). Destarte, as práticas de prostituição, tais como outras formas de mercantilização e consumo, devem ser lidas de maneira complexa, sem reduzi-las ao papel de passividade e subordinação, pensando nelas também como espaço de resistência e subversão cultural.



Os significados e sentidos atribuídos por quem vive em uma posição ao mesmo tempo de submissão e de “sexualidade insubmissa”², através da atividade da prostituição, ao ser aquela que realiza as fantasias e os desejos mais reprimidos pela sociedade, mas também aquela que decide o que fazer com o seu corpo e que de forma fazê-lo, podem ser apreendidos através da biografia e da trajetória pessoal e sexual das garotas de programa.

Não podemos considerar somente as estruturas de poder e de relações sociais entre os sexos numa perspectiva macro, mas buscar as inter-relações de natureza micro, os micro-poderes, as redes de poder que perpassam a prostituição e se fazem sentir como forma de organização, mas também de rebeldia contra o sistema de poder que reprime a sexualidade.

Superar a noção de um poder unificado, coerente e centralizado por um conceito que se aproxime da concepção foucaultiana de poder, entendida este por constelações dispersas de relações sociais desiguais identificado pela expressão no ‘campo das forças’ sociais. Compreender que no interior desses processos e estruturas há um espaço para um conceito de agente humano construir sua identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade com certos limites e certas linguagens-linguagem conceitual que não põe limites mas ao mesmo tempo contém possibilidades de negação, resistência, de reinterpretação de jogo de manifestação metafórica e de imaginação (SCOTT, 1990, 14).

Dos micro-poderes que envolvem sexo e gênero, o poder do corpo e sobre o corpo, moldado pelo contexto social em que o ator se insere, é vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída (LE BRETON, 2010). A relação com o corpo na atividade da prostituição é extremamente complexa e tumultuosa, no extremo entre individualização e mercantilização, a prostituição exige corpos perfeitos e técnicos (no sentido de utilidade). Através da preocupação excessiva com a estética e com a beleza corporal, as garotas de programa submetem-se a tratamentos e cirurgias em um curto prazo de tempo.

As exigências sociais e culturais em relação ao corpo feminino alimentam o que podemos chamar de mercado da aparência. “Um mercado em pleno crescimento

² Termo utilizado por RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



renova permanentemente as marcas que visam a manutenção e a valorização da aparência sob os auspícios da sedução ou da ‘comunicação’” (LE BRETON, 2010). O mercado do sexo não gira somente em torno dos lugares da prostituição, mas abrange uma economia muito maior, que atualmente financia um grande investimento em clínicas de beleza, cirurgias estéticas, consumo de roupas, cosméticos, e todo um circuito que atende o mercado sexual.

O *investimento* não se refere apenas ao corpo, mas a constituição subjetiva de gênero. As diversas posições e papéis que a mulher e o homem podem assumir são múltiplos e às vezes contraditórios. A identidade de gênero é construída a partir das experiências de vida. Não podemos trabalhar com categorias dicotomizantes como sexo enquanto características biológicas e gênero como categoria cultural. “Nesse sentido que a complexidade do conceito de gênero exige um conjunto pluridisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir a domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre mulheres” (VALE, 2006).

Ao entrar no universo específico da prostituição de luxo, o termo gênero revela traços dissonantes, múltiplos e imbricados com categorias como classe e cor. A origem familiar, a constituição física e corporal, a escolha (ou a falta dela) pela “vida fácil”, tem muito a nos dizer a respeito desse universo sexualizado. Como ressalta Moore,

A antropologia, portanto, começou a afastar-se do modelo simplista de um sistema único de gênero em que os indivíduos devem ser socializados, e a aproximar-se de um entendimento mais complexo do modo em que os indivíduos passam a assumir posições de sujeitos marcados por gênero através do envolvimento com múltiplos discursos sobre gênero. Esse movimento permitiu que os pesquisadores se voltassem para processos de fracasso, resistência e mudança na aquisição da identidade de gênero, e também para casos de obediência, aceitação e investimento. (MOORE, 2000, 24)

Quais os processos de fracasso, resistência e mudança por quais passam as garotas quando inseridas na atividade da prostituição? Que tipos de obediência, aceitação e investimento são exigidos para entrar no mercado sexual? Relatos de experiências exitosas, como belas viagens, viagens ao exterior, luxo, dinheiro, bons contatos; mas também experiências negativas, como o uso de drogas, exigências



corporais e sexuais, problemas nos relacionamentos afetivos, conflitos familiares, recusa pública, preconceito. Todas essas experiências são faces da vida da prostituição. “Estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006).

A relação entre prostituição e estruturas de classe é estreita, visto que a prostituição de luxo cresce a partir de uma demanda das classes média e alta. Conforme Margareth Rago, relações sexuais e afetivas entre homens de classes “abastadas” e “cortesãs de luxo” não é recente, já se verifica sua presença nas primeiras décadas do século XX. “Jorge Americano destaca, por volta de 1908, a presença de ‘cortesãs de luxo’ que habitavam casa própria, em geral montada por algum ‘coronel’ abastado, seduzido pelos encantos da amante ou assustado com a imprevisibilidade das aventuras amorosas” (RAGO, 1991).

Uma última questão diz respeito ao novo estatuto da mulher e do papel da prostituta na *pós-modernidade*. Perante a fragmentação do sujeito, aos agenciamentos coletivos e aos novos fluxos de subjetividades, o que é ser mulher e ser feminina? Quais os novos atributos requeridos aos novos sujeitos do desejo e aos corpos desejanter? A moral imperativa da prostituição questiona a sexualidade feminina ou a reforça em seu sentido absoluto?

A moral da prostituição é imperativa, mas não no sentido de negatividade, de repressão, de interdito da sexualidade feminina. É imperativa por problematizar a sexualidade feminina, como sexualidade dominada.

Essa moral sexual que tematiza a prostituição diz mesmo respeito à sexualidade feminina? Como efetivamente se cruzam, no horizonte da cultura, o novo estatuto da mulher – que lhe atribui uma identidade no lar, no trabalho, na educação dos filhos, nas relações conjugais – e o novo estatuto da prostituta? (RAGO, 1991, 18)

Tais questões permeiam e problematizam minha pesquisa de dissertação, ora em desenvolvimento, orientando e ditando rumos a serem seguidos. Contudo, quem nos revela um mundo desconhecido são os sujeitos que fazem parte desse mundo. Tal pesquisa não pretende desvendar segredos e revelar verdades, mas olhar com os olhos



do outro, reescrevendo no sentido de uma leitura³ as experiências, anseios, angústias, preocupações e sentimentos que definem ou determinam o sentido da prostituição para as chamadas garotas de programa.

Locais da prostituição

Falar dos locais da prostituição não se resume a situá-lo geograficamente em um mapa, mas de tomar parte de toda uma discussão política, social e cultural que permeia as permissões e proibições, o isolamento e a conduta, práticas e rituais, espaços e dinâmicas específicas de locais distintos e diferenciados, pois a prostituição, como o senso comum a pensa, não está somente nos bordéis ou na rua.

Sobretudo nos séculos XIX e início do século XX, no auge da formação da sociedade burguesa, a conduta e o comportamento das prostitutas era usado como parâmetro para as “moças de bem” como aquilo que não poderia ser feito. O ideal de higienização e organização racional dos centros urbanos advindo com a modernidade colocou como necessidade o afastamento das zonas de meretrício para lugares afastados da cidade, onde de daria o controle e o isolamento das prostitutas dos espaços públicos e de passeio da sociedade burguesa em ascensão.

A idéia era de reprimí-las e de aprisioná-las. Como erradicar esse mal tão difundido? Sendo a prostituição um mal necessário – infelizmente não se constrói o mundo com palavras bonitas, admitem eles com amargura – resta a solução do confinamento. As burguesas em casa, as prostitutas no bordel. As duas formas de venalidade do amor vão coexistir por um século (ADLER, 1991, pg.15).

Segundo RAGO (1991), esse parâmetro de comparação moral entre burguesas e prostitutas ocorre quando da entrada das primeiras no espaço público. A figura da prostituta aparece, então, como parâmetro para os limites do comportamento feminino no espaço urbano.

A reorganização do espaço urbano ocorre de forma semelhante nas principais capitais brasileiras. ILNAR (1996) e ANJOS JUNIOR (1983) trazem em seus

³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.



estudos como se deu o processo de isolamento da prostituição em bairros afastados e o fechamento dos bordéis do centro de cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

A onda de moralização e higienização baseou-se nas mudanças de costumes através das reformas urbanas e sociais, tornando-se necessária e imperante a localização do meretrício como forma de separar duas morais que não podiam prescindir uma da outra: a moral da casa e a moral do prostíbulo (ILNAR, 1996, pg. 66).

No entanto, a transferência das prostitutas para o Arraial Moura Brasil foi apenas das que faziam “comércio” na Rua das Flores – atual Castro e Silva -, por serem as que exerciam o baixo meretrício. As que atuavam nas “pensões galantes”, ou seja, as que atendiam a uma clientela de nível social mais elevado, permaneceram incólumes, até porque essas não faziam “trottoir”, não se expunham nas ruas para convidar os homens (Idem, pg. 76).

Essa moral imperativa tentou disciplinar os locais e espaços das práticas prostituintes, já revestidas de uma multiplicidade de formas e máscaras. A diferenciação em tipos de prostituição surge para atender demandas específicas e clientela socialmente situada. Atualmente, esse processo histórico de isolamento e afastamento da prostituição para locais afastados não ocorre de forma tão explícita. Podemos dizer que existem dois processos de naturezas distintas: a diferenciação das formas de prostituição, alargando os “territórios do prazer”, utilizando-se de meios como a internet para agenciamento e divulgação de garotas de programa, buscando maior discrição e anonimato; e, por outro lado, a invasão dos espaços públicos por prostitutas e michês nas ruas, avenidas e praças, escancaradamente.

FREITAS (1985) diferencia em seu estudo sobre prostituição, realizado em Belo Horizonte, no período de 1980-1982, a rua e, o bordel em três modalidades: a “zona”, o *rendez-vous* e o “motel”. A rua, como um domínio altamente estratificado, onde as prostitutas recrutam seus clientes nas calçadas, em frente aos motéis, e diante da multidão de transeuntes em um espaço urbano desorganizado, numa mistura de lojas e motéis. As “zonas” são grandes estabelecimentos, de dois ou três pavimentos, com imensos corredores ao longo dos quais estão dispostos os quartos, onde as prostitutas deixam a porta aberta para se mostrar aos clientes, pagando uma quantia fixa por turno pelo quarto. *O que tipicamente se verifica no interior de uma “zona” é uma infinidade de homens caminhando pelos corredores, observando as prostitutas de cada quarto.*



Quando se interessam por alguma, entram no quarto para negociar um programa (preço e práticas) (FREITAS, 1985, pg.26). Os *rendez-vous* são estabelecimentos mais requintados, neles não há corredores como nas zonas, mas uma grande salão onde os clientes negociam com as prostitutas; os quartos existentes servem de moradia e também de local para os programas; elas pagam uma quantia fixa de cada programa para a cafetina ou cafetão. A *rotatividade dos clientes nesse tipo de bordel é bem menor que nas “zonas”*: *difícilmente mais de dez para cada prostituta em um dia* (idem, pg.27). Os “motéis”, não no sentido convencional da palavra, se assemelham com o *rendez-vous*, com algumas diferenças: não tem luz vermelha, não estabelecem horários para as prostitutas e os quartos não servem de moradia pra elas, as portas são mantidas fechadas e a rotatividade dos clientes é ainda mais reduzida.

Esses diferentes tipos de estabelecimentos, como podemos perceber, possuem um nível hierárquico do tipo de prostituição prestada. Os pontos que definem as diferenciações são os preços dos programas, a “qualidade” das prostitutas - se mais jovens, mais bonitas, com melhores posturas e “modos”, mais caras -, a forma de vestir e a aparência das garotas de programa, a higiene e a aparência do local e o nível social da clientela.

FÁBREGAS-MARTINEZ (2000) caracteriza e identifica a prostituição em espaços públicos e privados, ressaltando seus traços distintivos. Encontramos os locais privados da prostituição em casas de prostituição, casas de massagem, agências de acompanhantes e saunas (onde está presente a figura do agenciador: cafetão, cafetina ou gerente); apartamentos privê, boates e bares, onde no último a prática é permitida somente como forma de encontro entre cliente e garota de programa, de lá seguindo para os hotéis e motéis.

As casas de prostituição de luxo já existem há algum tempo, contudo, com nomes diferentes, apesar da estrutura interna parecer a mesma. O que ILNAR (1996) chama de pensões galantes, como eram conhecidas na época, funcionavam como espaços de prostituição, clubes noturnos com música, dança, bebida e comércio do sexo, localizados em diferentes bairros da cidade, com freqüentadores das classes média e alta. Não muito diferente das conhecidas casas de prostituição de luxo atuais.

Casas como o Sampa Night Club, localizada no bairro de Boa Viagem, em Recife, capital de Pernambuco, é uma boate com *strip-tease*, onde os homens escolhem



as garotas de programa que estão disponíveis na casa para saírem e fazerem programas em motéis e hotéis. Já na Casa de Odete, como é conhecida, localizada em Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana de Recife, as garotas de programa são, no geral, de fora do Estado e moram na residência e também podem fazer os programas nos quartos da casa. Diferentemente do Sampa, a Casa de Odete não tem nenhum tipo de identificação comercial e somente é conhecida através da informação de quem frequenta ou geralmente por taxistas que conhecem o circuito de prostituição da cidade. Apesar da Casa de Odete ser uma casa de prostituição de luxo e o Sampa uma boate, os preços das garotas de programa não variam muito, mesmo com relato dos clientes de que a Casa de Odete tem uma qualidade maior do ambiente e das garotas de programa serem mais bonitas e requintadas.

Esses exemplos servem para problematizar visões simplistas sobre da prostituição e para melhor compreender esse universo diversificado historicamente. As casas de prostituição de luxo podem ser comparadas com a *rendez-vous* citada por FREITAS (1985) e com as pensões galantes de ILNAR (1996). Com uma forma fluida, a prostituição vai se adequando ao contexto social, político e cultural onde está inserida, se moldando da forma mais conveniente, atendendo diferentes demandas e oferecendo tipos diferenciados de serviços a partir do seu público.

1. Referências bibliográficas

ANJOS JUNIOR, Carlos S. V. dos. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício*. Fortaleza: Edições UFC, 1983.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, v. 26, janeiro-julho de 2006. Campinas: UNICAMP, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 40)



FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *A mulher, os rapazes: da história da sexualidade (extraído da História da Sexualidade v. 3)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREITAS, Renan Springer de. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 16 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LINS, Daniel S. (org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

LOYOLA, Maria A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu: em torno das corporalidades*, v. 14. Campinas: UNICAMP, 2000.

PISCITELLI, Adriana. Gênero no mercado do sexo; Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, v. 25, julho-dezembro de 2005. Campinas: UNICAMP, 2005.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

_____ ; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SCOTT, Joan W. O gênero como uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 2, 1990.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

SOUSA, Francisca Inar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. São Paulo: Annablume, 2000.

VALE, Alexandre Fleming C.; PAIVA, Antonio Cristian S. (orgs.). *Estilísticas da sexualidade*. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2006.

VASCONCELOS, José Gerardo (org.). *Nietzscheanismos*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.